

## WHY ARE WE HERE? POR QUE ESTAMOS AQUI?

O mundo começa com uma pergunta e a vida mais não é do que a procura de respostas. *Why are we here?* Por que estamos aqui?

Respiramos o mesmo ar e isso tornou-se um ato quase subversivo. O que temos em comum? Queremos derrubar paredes e muros, erigir pontes. Fazer do gesto água para beber. O que nos diferencia? Descobrimos que um papel é uma nuvem e que uma fotografia pode ser uma dança. Uma pequena coreografia sem levantar pó. Guitarra, *cajon* e voz. Um movimento de braços, porque também vivemos nas nossas costas.

*I don't play, I pray.* Num casamento *tamang*, duas famílias cantam como chegaram até ali. Calcorream montanhas e vales para celebrar uma nova união. Os elos não se fazem sem testemunhas, e há que cantá-los. Máscaras são muros, filtros. O silêncio, o silêncio... *There is silence in everything.* Até no som há silêncio.

Aqui, vai encontrar uma família feliz. Família feliz é um prato chinês. O restaurante está aberto, mas não fazem entregas ao domicílio. Fiquei sem família feliz. Procurei na internet a receita. O que é uma família? A dele está longe e ele tem saudades dela. O filho é pequeno e só o vê crescer num ecrã. Sonha trazê-lo para ao pé de si, agora tem de contentar-se com esta coexistência mediada. *God bless* o século XXI e as tecnologias da informação. Tão longe e tão perto. Tão perto e tão longe.

*We walk into the darkness.* A consolação na beleza? A arte como redenção? A partir de uma palavra, um capítulo. Ser peixe, ser viagem, ser ilha. Não devias ter dito, agora vão-te roubar a ideia. A sério? Como se faz isso? Planeta, eclipse, terramoto. As histórias só vivem, se forem lembradas. A memória é inventada e é o que nos permite ser. Quem sou? *Where would I like to be?*

*Broken lines*, o grito. O corpo tem memória. O corpo também fala. Língua inventada, falar sem palavras. A Torre de Babel é um mito de origem. O que temos em comum? O que nos diferencia? É má, a diferença? Impede-nos de viver em conjunto? Destruir barreiras, saltar muros. Cabelo negro, pura lã. Na viagem do herói, os superpoderes só chegam após a transformação, o fim do mundo como o conhecíamos. E permanecem secretos. São tesouros. Nuvens-papel, palavras-raiz, luzes-câmara-ação. O Bhagavad Gita diz: não fujas do teu trabalho, não te esquives à tua obrigação. O que vamos fazer enquanto estivermos aqui? Como vamos passar o tempo que estamos juntos? Respirar o mesmo ar é um ato subversivo, nestes tempos de contaminação. Fluxo de consciência, como este texto.

Cruzar mundos, estar com as pessoas, aprender. Por que estamos aqui?  
Corpo Casa Mapa. Que viagem é esta?

## Desafios do projeto

A óbvia barreira linguística. O encontro faz-se da partilha e o mundo constitui-se também através das palavras que usamos para o nomear. Demoramos anos a dominar uma língua. Como comunicar, quando não há uma língua comum? A suposta universalidade da linguagem da arte poderá ajudar, mas essa linguagem não é verdadeiramente universal, é culturalmente situada. Há que aprender os seus códigos, para a instrumentalizar e fazer mundo com ela e para nos encontrarmos com os outros, nela. Como acelerar esse processo, para podermos comunicar e construir mundos juntos, na arte?

Num sistema de ensino em que a educação artística é praticamente inexistente, há uma falta de domínio das ferramentas e linguagens artísticas por parte dos alunos. A ausência de uma base comum de entendimento da prática artística faz com que se esteja a trabalhar a partir do zero, no sentido em que há toda uma preparação a fazer, antes de se conseguir chegar a algum resultado. A escola não é um lugar de experimentação e o medo do ridículo domina as atitudes dos jovens. Alguns deixam-se levar e percebem que criar o mundo de pernas para o ar é divertido e enriquecedor.

O difícil equilíbrio entre querer fazer e deixar acontecer. A dificuldade de provocar e dirigir, continuando aberto ao que as pessoas têm para dar, ao espontâneo, ao imprevisível. Aproveitar essa dádiva e incorporá-la na ideia prévia. Desafiar, mas não impor, e não cristalizar.

É necessário tempo. Para a relação humana, para a construção conjunta, para o estabelecimento da confiança. Num mundo a correr, na época da “grande aceleração”, é difícil encontrar tempo para estar com os outros, para as pessoas se entregarem a desconhecidos que chegam com boas intenções. A falta de tempo traz também a dificuldade de aprofundar um tema e os exercícios correm o risco de se tornar superficiais.

Dificuldade de cativar pessoas que estão contrariadas em instituições onde muitas vezes sentem não ter lugar (crianças e jovens na escola) ou que estão demasiado cansadas, por força do trabalho duro que trazem no corpo ao fim do dia (trabalhadores). Para a maior parte, a criação artística é um mundo desconhecido e não é óbvio que seja interessante. O objetivo não é fazer entretenimento e é difícil entusiasmar desconhecidos, que poderão não compreender à partida o que nos motiva, qual o sentido do nosso trabalho, por que estamos ali. Querer estar com elas, mas com quem querem elas estar?

Catarina Barata  
15.6.2021

*O Portugal Futuro*, de Ruy Belo

O portugal futuro é um país  
aonde o puro pássaro é possível  
e sobre o leito negro do asfalto da estrada  
as profundas crianças desenharão a giz  
esse peixe da infância que vem na enxurrada  
e me parece que se chama sável  
Mas desenhem elas o que desenharem  
é essa a forma do meu país  
e chamem elas o que lhe chamarem  
portugal será e lá serei feliz  
Poderá ser pequeno como este  
ter a oeste o mar e a espanha a leste  
tudo nele será novo desde os ramos à raiz  
À sombra dos plátanos as crianças dançarão  
e na avenida que houver à beira-mar  
pode o tempo mudar será verão  
Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz  
mas isso era o passado e podia ser duro  
edificar sobre ele o portugal futuro

<https://ensina.rtp.pt/artigo/o-portugal-futuro-de-ruy-belo/>